

CONSTRUÇÃO INTERDISCIPLINAR: A EXPERIÊNCIA DAS ROTAS CULTURAIS - TURISMO E ARTESANATO PARA O DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL

Jamile Souza e Souza¹

Resumo: Este texto trata do projeto “Rotas Culturais: Turismo e Artesanato para o Desenvolvimento Territorial”, que visa promover a aproximação de estudantes a grupos produtivos locais dos territórios de identidade do Recôncavo Baiano e Região Metropolitana de Salvador/BA, identificando produtos artesanais e associando-os a rotas turísticas. O processo desta atividade extensionista se faz de forma continuada e com a problematização da cultura e gestão criativa como potencializadores do desenvolvimento sócio-territorial. A pesquisa colaborativa norteou os caminhos metodológicos, bem como o método de aprendizagem prático-reflexivo. Os resultados estão em curso, mas a oportunidade já identifica rumos qualificados para preservação e ressignificação das culturas tradicionais baseadas nas dinâmicas e saberes locais.

Palavras-chave: extensão universitária, rotas culturais, artesanato, turismo, território.

Este breve texto argumentativo enquadra-se razoavelmente como um relato de experiência e tem por finalidade apresentar a atividade de extensão universitária do Programa “Rotas Culturais: Turismo e Artesanato para o Desenvolvimento Territorial”, com execução do Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social (CIAGS/UFBA). O objetivo do projeto foi promover a aproximação de estudantes da Universidade Federal da Bahia e a própria universidade a grupos produtivos dos territórios de identidade do Recôncavo (cidades escolhidas: Saubara, São Francisco do Conde e Santo Amaro) e Região Metropolitana de Salvador, no estado da Bahia visando identificar produtos culturais e artesanais e associá-los à criação de rotas turísticas, inclusive de turismo religioso. O grupo de pesquisa foi formado de maneira multidisciplinar, contando com a participação de alunos(as) dos cursos de Gestão Pública e Gestão Social, Secretariado e Administração, todos no âmbito da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia.

A prática experienciada destacada neste texto tem como enfoque a atuação do projeto no município de Salvador, especificamente na Região do Bonfim. Buscou-se identificar aspectos da diversidade e gestão criativa no bairro e seu entorno. O trabalho partiu de uma orientação prévia, para diagnóstico *in loco*, onde algumas impressões se

¹ Graduanda em Gestão Pública e Gestão Social pela Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia, foi bolsita de extensão pelo Programa “Rotas Culturais: Turismo e Artesanato para o Desenvolvimento Territorial”. E-mail: jamilesouza@yahoo.com.br

confirmaram e novas dimensões foram incorporadas. Como se objetivava, de imediato a análise de viabilidades e desafios sócio-materiais e identitários do território criativo mencionado, este estudo não é conclusivo.

O êxito do projeto, enquanto extensão universitária dar-se, principalmente, pela construção social e pela articulação de se pensar modos integrados de ações que impactam a comunidade, não somente pelos aspectos econômicos (turismo), mas que envolvem uma tripla dimensão (econômica, social e ambiental), e principalmente, uma gestão do conhecimento e do valor simbólico. Os resultados do projeto foram parcialmente apresentados no XII Colóquio Internacional sobre Poder Local, realizado em dezembro de 2012 em Salvador e espera-se que os dados coletados possam contribuir para o empoderamento dos envolvidos.

A questão da cultura apresenta-se como problema-chave neste projeto, no que faz a mediação entre o fluxo globalizante e os particularismos identitários ou entre, ainda, a homogeneização e a reposição das diferenças. Nesse contexto, as variadas expressões culturais se configuraram como mercadoria de alto valor simbólico e dão corpo ao que vem sendo chamada de economia cultural e/ou economia criativa (MIGUEZ, 2007).

Metodologia

A pesquisa do grupo foi realizada ao longo do ano de 2012, utilizando-se de levantamento bibliográfico sobre os temas de cultura, economia criativa e turismo, além de pesquisa de campo em três municípios do território do Recôncavo (São Francisco do Conde, Saubara, Santo Amaro) e no território da Região Metropolitana de Salvador. Foram construídos roteiros de entrevista cuja aplicação se deu junto a artesãos, gestores municipais locais e moradores de comunidades, o que gerou um incipiente registro audiovisual. O objetivo foi identificar potencialidades para uma sistematização de uma rota cultural em que estes municípios pudessem se constituir em “nós” de uma rede de turismo cultural, pautada no conhecimento das tradições e observação das manifestações culturais mais relevantes.

Especificamente em relação a Salvador, fez-se um recorte para o território do Bonfim, por este ter um grande potencial de atratividade turística e cultural, e que pode captar um fluxo significativo de visitantes, como já vem acontecendo nos últimos anos, principalmente no âmbito do receptivo nacional e internacional.

Metodologicamente, buscou-se analisar o território do Bonfim sob três dimensões: 1) Eixo da Materialidade; 2) Eixo da Gestão e 3) Eixo Aspectos Identitários,

por compreendê-los como três pilares necessários para a análise de viabilidade de gestão social. Assim como, utilizou-se o método prático-reflexivo, que conforme Boullosa (2010) estrutura-se como um espaço que privilegia a troca de saberes e de experiências na dupla perspectiva da aprendizagem situada e da aprendizagem significativa.

Referencial Teórico

Para encaminhamento deste projeto percebeu-se também a necessidade de compreensão de alguns conceitos, entre eles, o de território, territorialidade e território criativo. Primeiro, por ser necessário este domínio teórico pelo Gestor Público e Social, que analisa criticamente a gestão pública e a gestão social como campos complexos, permeados por interorganizações e instituições que atuam em conjunto. Seguido de que o conceito de territorialidade estabelece a relação entre Espaço, Lugar, Identidade (coletiva e individual) e Regulação (como expressão dos valores que definem a identidade).

Segundo Fischer (2009), o território é uma expressão de formulação e implementação de políticas públicas, como expressão de pertencimento e como gestão social.



Fonte: Fisher, 2009

Em termos geográficos, a territorialidade é uma forma de comportamento espacial, de acordo com Sack (1986). Na compreensão de Hasbaert (2004), ele afirma que todo território é, simultaneamente, e em diferentes combinações, funcional e simbólico, pois exercemos domínio sobre um espaço tanto para realizar “funções”,

quando o usamos como recurso, quanto para produzir signos, na construção de laços sociais no espaço vivido. Como implicação desta visão, é importante observar que, enquanto espaço-tempo-vivido, o território é sempre múltiplo, diverso e não inanimado. Para Claude Raffestin, o “território se apoia no espaço” (1993). Este autor se sustenta numa perspectiva multidimensional do território, baseada nas diferentes relações sociais existentes, que não se limitam apenas ao exercício do poder estatal. Partindo de uma representação, os atores vão proceder à repartição das superfícies, a implantação de nós e a construção de redes. Além do referencial teórico, buscou-se na pesquisa a análise de estudos empíricos.

Abrangência territorial da pesquisa

O território do Recôncavo Baiano é um dos espaços mais antigos no processo de ocupação do território brasileiro; o mesmo configurou – por muito tempo – a hegemonia produtiva da colônia, representada pela atividade açucareira, delimitando um nordeste economicamente rico. Hoje, destaca-se como um território repleto de manifestações culturais e representativo das tradições e cultura baiana. O Samba de Roda do Recôncavo foi salvaguardado pelo IPHAN e depois pela Unesco como patrimônio imaterial da humanidade. O território Metropolitano de Salvador possui uma taxa de desemprego de 21% (PED/SEI; 2008) tendo um artesanato bastante difuso, com múltiplas tipologias e necessidades de consolidação do que seja o artesanato tradicional urbano. Para fins deste relato, será descrita a pesquisa realizada em Salvador, especificamente na região do Bonfim e seu entorno.

A Igreja de Nosso Senhor do Bonfim é um templo católico, está localizada na Sagrada Colina, na península de Itapagipe, em Salvador, na Bahia. É lá que são distribuídas as famosas Fitinhas do Bonfim. Para o povo baiano, a Igreja do Bonfim é o maior centro da fé católica, e ainda daquelas que, pelo sincretismo, têm no local o ponto máximo da religião.

A Igreja é localizada no bairro do Bonfim. De acordo com a Superintendência de Estudos Sociais e Econômicos – SEI/Bahia, o Bonfim apresenta uma população de 9.401 habitantes, o que corresponde 0,38% da população de Salvador. Concentra 0,39% de domicílios da cidade, estando 29,93% dos seus chefes de família situados na faixa de renda mensal 5 a 10 salários mínimos. A escolaridade média apresentada por esses chefes é de 46,97% com 11 e 14 anos de estudo.

O bairro engloba as ruas: Imperatriz, Visconde de Caravelas, Travessa de Fora e as Avenidas: Beira Mar, Salvador, Dendezeiros, a principal avenida do bairro. No

projeto tomamos como campo de estudo a região triangular, que envolve a Igreja, o Largo do Bonfim, a Ladeira do Bonfim e o Largo da Baixa do Bonfim, local onde fica o Mercado Municipal do Bonfim. Entre os seus atrativos e equipamentos culturais estão à própria Igreja do Bonfim, o Museu dos Ex-votos, a Casa da Colina, as lojas de artesanato e peças que representam o sincretismo religioso baiano e restaurantes que ficam na parte alta do Bonfim, com vista a Baía de Todos os Santos.

O território é singular e com grande potencial para desenvolver um turismo histórico e cultural para um público diferenciado, que queira vivenciar o cotidiano do bairro como experiência de vida. A Igreja do Bonfim e seu conjunto arquitetônico são considerados o patrimônio cultural material mais importante do Território. Já os imateriais destacam-se a religiosidade, a bela vista para Baía de Todos os Santos, a própria história do bairro e o clima bucólico do local. Neste contexto, foram identificados alguns moradores que conhecem profundamente a rica história do lugar, constituindo-se também num patrimônio imaterial para o bairro.

As identidades do território do Bonfim se revelam de múltiplas formas e vivem em um processo infundável de construção (HALL, 2006). Aliar os imperativos identitários individuais com as ações interventoras pretendidas significa atribuir maior substância e sentimento a um objetivo. Nesse sentido, o sentimento de pertencimento local, em um sentido simbólico, e a importância material dele para o seu uso social é o que dá sentido territorial a este espaço.

Resumo da análise de viabilidade do Bonfim como território criativo

Berço de diversos segmentos artísticos, a Bahia possui uma grande variedade de artesanato, com peculiaridades próprias de cada região e rotas culturais já estabelecidas, tanto pelo governo do Estado, como pela população. Dos produtos artesanais, muitos objetos e/ou peças impressionam os visitantes, principalmente pelos temas que carregam as mais inusitadas características do estado nordestino. Referenciando desde as belezas naturais até as crenças religiosas, os artesãos (artífices) não esquecem nenhum detalhe.

O artesanato insere-se como um dos campos de representação da cultura popular, responsável por contribuir com a identidade cultural de um dado território. A identidade compreende a noção de bens culturais, abrangendo os símbolos, os signos, os valores de um universo plural, os bens ecológicos, as tecnologias, as artes, além dos fazeres e saberes tradicionais, inseridos na dinâmica do cotidiano territorial. É no contexto da cultura popular e da identidade cultural que se origina e se desenvolve as

diferentes tipologias de artesanato implicando na relação dialógica entre o processo produtivo e produto com a cultura que lhe atribui significado e funcionalidade.

Nas últimas décadas, a gestão pública estadual baiana definiu a atividade turística com uma das suas prioridades para o desenvolvimento econômico-social, amparado, como já dito pela diversidade e amplo patrimônio histórico-cultural e artesanal. Sabe-se que a competitividade de um destino turístico é um indicador essencial para a avaliação do nível de atratividade e organização em que se encontra. Assim, a análise da competitividade turística torna-se mais do que uma ferramenta de estudo e passa a ser um elemento da gestão estratégica do destino (QUEIROZ, 2002).

No projeto das rotas culturais, para uma melhor adequação da realidade local e por escassez de recursos próprios, pois o projeto em epígrafe é uma extensão universitária, o levantamento buscou uma análise das dimensões de materialidade, gestão e identidade, com considerações provenientes de diálogos participativos e entrevistas com moradores, lideranças e empresários da localidade, como também a observação livre.

Este diagnóstico foi muito rico para confirmação do Bonfim, como uma área urbana de elevado potencial turístico e religioso, com destacado patrimônio histórico-cultural, mantendo traços de “ar bucólico” e laços sociais estreitos entre seus moradores. Conta com um calendário cultural expressivo, com manifestações festivas e populares tradicionais, como é o caso da Lavagem do Bonfim, realizada anualmente, no mês de janeiro. Ao mesmo tempo, reforçou a identificação de uma comunidade com vocação para as artes e hospitalidade, contemplando uma das características da economia criativa.

As dificuldades encontradas para viabilidade do Bonfim e seu entorno como Território Criativo, na perspectiva de desenvolvimento sócio-territorial, estão relacionadas à degradação do patrimônio, natural ao longo dos anos, às deficiências na infraestrutura urbana e ao descuido com o lugar por parte do próprio morador, que deixa de assumir uma atitude de responsabilidade cidadã para com a manutenção ou uso adequado dos espaços coletivos e mesmo individuais. Constituem-se, também, obstáculos o baixo nível de capacitação de boa parte dos empreendedores, a incipiente organização do empresariado local e o seu pouco envolvimento com o processo de desenvolvimento do território. Além disso, destacam-se a ausência de perspectiva de trabalho para os jovens e a desvalorização dos espaços culturais na cidade de Salvador, com um todo.

Apesar de todo o potencial de atratividade cultural e natural no Bonfim, não existem ações consistentes de educação patrimonial ou ambiental, o que dificulta o desenvolvimento de um turismo sustentável no Território. Em relação aos eventos programados que acontecem no local, fora a Lavagem do Bonfim, a organização é feita pelo Centro Comunitário. Os proprietários dos stands de venda de produtos artesanais alocados nos arcos da baixa do Bonfim reclamam da falta de eventos programados, realizações técnicas, científicas ou artísticas que poderiam alavancar suas vendas e lucros.

No que refere-se à promoção do destino, umas das dimensões de competitividade sugeridas pelo Ministério do Turismo, o Bonfim não possui um plano de marketing. Alguns empreendimentos locais participam de feiras e eventos de turismo, como Salão do Turismo, mas fica evidente que a região precisa ser mais e melhor divulgada. Exemplo disso é que não existe material de divulgação específico do território, apesar de os meios de hospedagem e lojas de artesanato fazerem a divulgação dos seus empreendimentos. A folhetaria turística de Salvador, quando aborda o Bonfim, traz algumas informações de maneira limitada, resumindo-se a Igreja. A comunicação do território acontece por meio de alguns sites que contemplam básicas informações, mas não têm dados específicos para visitantes como meios de hospedagem, formas de acesso ou atrativos turísticos. O território não possui um site unificado e acessível, e por isso algumas notícias só podem ser encontradas em outros sites, de forma desarticulada, sem existir uma uniformização no discurso.

Articular a economia criativa como um modo de desenvolvimento local implica pensar de modo integrado fluxos de ações que vão impactar não somente pelo aspecto econômico, mas na gestão do valor simbólico. Concernente ao aspecto da governança, o local estudado, não possui representante nos conselhos municipais e estaduais de turismo, demonstrando que o território possui baixo grau de cooperação com os governos para alavancar a atividade turística. Nesse contexto, os investimentos feitos com o orçamento estadual do turismo não tem sido significativos e apenas são realizadas intervenções pontuais, inclusive para a Lavagem do Bonfim. No que tange ao grau de cooperação com o governo federal, a situação do território é a mesma. Também não existe o envolvimento turístico do Bonfim em projetos de planejamento para a cidade e para a atividade turística do município de Salvador. Existe uma representação da Prefeitura, através da administração regional, mas com autonomia de ações muito

restrita. Não há uma instância de governança turística e nem instituição que se ocupe desta atividade.

Além disto, a capacidade do turismo receptivo é bastante reservada, visto que o território não possui uma agência de receptivo. Não existem condutores e informantes locais organizados atuando na região. Essa atividade é desempenhada por guias que acompanham os grupos. Muitos turistas são abordados por vendedores de fitinhas do Bonfim, que vestem colete de identificação, mas a agressiva abordagem, de alguns poucos, afugenta os próprios turistas. Não foi identificado nenhum roteiro estruturado no bairro, apenas visitas aos atrativos realizadas de forma pontual. Também não existe nenhum material impresso que ajude o visitante a entender e interpretar o local. Ressalta-se ainda, que a igreja do Bonfim é muito visitada por baianos e moradores da região, que vão orar, agradecer e pedir graças e acompanhar as missas.

A pesquisa confirmou que no Bonfim há existência de uma economia local ativa, mas com poucas atividades produtivas de maneira sustentável-solidária. São essencialmente serviços e comércios (venda de produtos artesanais sem muito valor agregado). Entre os negócios existentes estão lojas de pedras preciosas, joalherias, padaria, salão de beleza, mercadinho, loja de souvenir e outros pequenos negócios, localizados na parte alta do Bonfim. Propor o fortalecimento das atividades produtivas existentes e apoiar a criação de novas se revela desejável e necessário para incentivar formas de produção para o autoconsumo e para o consumo local, porém tendo que enfrentar todos os desafios e obstáculos de um ambiente urbano e popular. Como também, o estabelecimento de um espaço de diálogo entre os ambientes públicos e/ou sociais onde se possam equilibrar as relações de poder e promover uma governança compartilhada e cooperativa no território.

A realidade local é simbolicamente cultural, criativa e sua imagem é exportada para o mundo todo. As indústrias criativas podem ajudar a incrementar externalidades, ao mesmo tempo em que preservam e promovem capital social, herança e diversidade cultural. Para Bourdieu (1998), capital social pode ser definido como o agregado de recursos (reais ou potenciais) relacionados à existência de redes duráveis de relações de conhecimento e reconhecimento mais ou menos institucionalizadas. Já para o cientista político e professor norte-americano, Putnam (1993), explora o conceito de capital social, argumentando que a confiança, embora não sendo parte integrante de sua definição, pode ser tomada como *proxy* para avaliar sua existência e extensão. Segundo este autor, a confiança e cooperação formam um círculo virtuoso, permitindo a

consolidação de redes efetivas. Alternativamente, os baixos níveis de confiança e coesão entre os agentes e a reduzida tradição de execução de trabalhos conjuntos dificultam a formação de redes de cooperação e levam ao estabelecimento de conexões limitadas e, frequentemente, oportunistas.

Considerações sobre a experiência

A experiência da pesquisa revela a necessidade de elaboração de um projeto específico para o Bonfim, em parceria com os atores que compõem a governança local (segmentos produtivos, artesãos, segmento religioso, segmentos políticos, moradores, etc.). Entretanto, tem-se a consciência de que estas propostas de mudanças não são simples, tampouco fáceis de serem conseguidas. É certo que não podemos impor nenhum tipo de conhecimento formado; ainda assim, vale ressaltar que este é um relato preliminar, visto que o processo deste se dá de forma continuada.

Dessa forma tem sido um desafio motivador experienciar essa prática não só como um exercício acadêmico, mas por estarmos trabalhando indissociavelmente com o saber científico e cultural que paulatinamente nos faz apropriar da prática com a realidade. Os conhecimentos adquiridos no decorrer da atividade passaram a ser vistos pelo grupo como uma atividade de gestão social que por sua vez, contempla ambas as partes envolvidas considerando que para uma prática efetiva e rica de saberes as diferentes opiniões devem ser articuladas e pensadas juntas. Aprendeu-se, entre outros, que a extensão universitária é um elemento de ligação entre a Instituição de Ensino Superior e a sociedade em que se insere, no qual a mesma possibilita a mudança social na vida do estudante, sobretudo quando aliada à vontade deste de lidar com as diferenças socioculturais nas quais o mesmo não se encontrava inserido até o momento.

Referências

- BOULLOSA, Rosana. Multi Disco TCC, Metodologia para Trabalhos de Conclusão de Curso, 2010.
- BOURDIEU, P. O capital social – notas provisórias. In: CATANI, A. & NOGUEIRA, M. A. (Orgs.) Escritos de Educação. Petrópolis: Vozes, 1998.
- FISCHER, T. Poderes locais, desenvolvimento e gestão: introdução a uma agenda. In: Fischer, T. (org.). Gestão do desenvolvimento e poderes locais: marcos teóricos e avaliação. Salvador, Casa da Qualidade, 2002.
- FISCHER, T. O Território como Espaço para formulação e implementação de Políticas Públicas. In. I Mostra Nacional de desenvolvimento Regional, 2009.

- HALL, Stuart. Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2006.
- HASBAERT, Rogério. Dos Múltiplos Territórios à Multiterritorialidade. Porto Alegre, 2004.
- MIGUEZ, Paulo. Economia criativa: uma discussão preliminar. In: NUSSBAUMER, Gisele Marchiori (Org.). Teorias e políticas da cultura: visões multidisciplinares. Salvador: EDUFBA, 2007. Coleção CULT.
- PUTNAM, R. D. Comunidade e democracia: a experiência da Itália Moderna. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- QUEIROZ, Lucia Aquino de. Turismo na Bahia: estratégias para o desenvolvimento. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, 2002.
- RAFFESTIN, Claude. Por uma geografia do poder. São Paulo: Ática, 1993.
- SACK, Robert. Human territoriality. Theory and history. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.